

O LABIRINTO DOS SERTÕES¹

Francisco Foot Hardman

*À memória do poeta e amigo Hu Xudong,
irmão canudense por afeto além-mares*

Resumo: Trata-se de voltar, ainda uma vez, a Canudos como marco histórico, literário, sociocultural e ambiental de uma nacionalidade perdida. Por que essa permanência a desafiar a imagem de um “país sem memória”? A atualidade dos sertões nossos de cada dia está aqui e agora a nos interrogar. Eles são tão contemporâneos quanto qualquer cenário que as cidades se apressam a representar. Entre o sol, o luar e as revoluções.

Palavras-chave: Sertões: permanência. Sertões: labirinto. Sertões: revoluções.

Abstract: Canudos is a very sign of the Brazilian lost nationality. This is valuable in a wide range of fields: historical, literary, socialcultural and environmental. This form of permanence challenge our image of a “nation without memory”. The strong actuality from “our sertões of everyday” is just here and now and don't stop to ask ourselves. The sertões are our contemporaneous as well as any urban scenarios fast represented. Between the sun, the moon and the revolutions.

Keywords: Sertões: pemanence. Sertões: labyrinth. Sertões: revolutions.

A história nos ensina? Então, tem que ser hoje

Se a história das tragédias passadas pode nos ensinar, ela deve servir para vermos as tragédias circundantes presentes. Por isso, a iniciativa da 3ª. Feira Literária Internacional de Canudos tem que ser saudada, não apenas como celebração dos 120 anos da obra polêmica de Euclides da Cunha, que nos reavivou memórias até aqui. Mas, antes, por reavivar muitas linhas labirín-

¹ Este texto resulta – de modo sintético – das nossas exposições feitas a convite dos organizadores da 3ª. FLICAN (Feira Literária Internacional de Canudos), em agosto/22 e do III Congresso Internacional Brasil in Teias Culturais, em novembro/dezembro-2022, no qual se esmeraram as amigas e amigos do Campus Avançado de Canudos, do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica) e do Departamento de Linguística, Literatura e Artes (DLLARTES) do Campus II da UNEB, em Alagoinhas. Devo agradecer à sua generosa amizade. Na impossibilidade de mencionar tantos nomes, quero registrar minha gratidão à pesquisadora Lucicleide Ribeiro e aos prezados colegas Luiz Paulo Almeida Neiva e Osmar Moreira dos Santos.

ticas sertões afora, refugiados de ontem e de hoje, genocídios de uma República nascida e crescida sob o signo da exclusão e dos massacres de muitos para a dominação de poucos.

Quando nos encontramos no final de agosto de 2022, não havia ainda a dimensão exata do genocídio de povos indígenas perpetrados em vários territórios da Amazônia, ação predatória inseparável da destruição daquele bioma, pelo desgoverno que nos oprimiu e ameaçou durante o último quadriênio. Pois hoje escrevemos sob o signo da crise humanitária do povo Yanomami, em sua Terra Indígena no estado de Roraima. O que poderia parecer distante, está muito próximo e concatenado. A dor lancinante dos milhares de mortos de Canudos, seu grito de desespero como humilhados da terra numa guerra desigual de “fim do mundo” ainda se podem ver e ouvir no martírio atual dos Yanomami e da floresta de que são os últimos guardiães.

Quando Euclides da Cunha radicalizou seu discurso ao visitar a Amazônia em 1905, menos de uma década depois de sua estada no teatro da guerra de Canudos, sabia que o labirinto dos sertões de uma nacionalidade negada ou perdida, conduzia a paisagens e processos do que chamou “brutalidade antiga”, que percorriam dos sertões nordestinos aos sertões amazônicos. Sua epopeia inacabada de que nos legou *À margem da história*, oferece, entre outros artigos e poemas dispersos, materiais do que denominei “radicalização do pensamento socioambiental” do Autor (cf. HARDMAN, Pref. In: CUNHA, 2019). Na cena imediata, indígenas e ribeirinhos apartados da mínima cidadania, numa fronteira de extrativismo predatório e da escravidão moderna generalizada. Na memória também recente, o legado daqueles gritos dos “condenados da terra” de Canudos que a violência de seu massacre pelo jovem Exército republicano não foi capaz de silenciar.

Por tudo isso, sim, como o mote dessa edição da FLICAN sugere claro: “Reinventar Canudos: Reinventar o Brasil”. E “O Sertão Vai Virar Arte!”. Sim, e entendo este segundo mote como um convite à sempre necessária revisão de certos dogmas historiográficos ainda presentes na história literária e cultural do Brasil. Já que, em 1902, com todos os legados de Canudos (não só os euclidianos, mas, reconhecendo, também, na sua obra, uma passagem obri-

gatória e determinante no deslocamento do eixo de nossa trágica “construção civilizatória” do litoral para os sertões), temos um marco muito mais relevante na “reinvenção de Canudos e na reinvenção possível do Brasil” do que, um por exemplo, a tão inflada, inflacionada, midiaticizada, hegemônica e canonizada Semana de 22 em SP (cf. HARDMAN, 2022).

Mas, afinal, podemos falar em “cultura brasileira” no singular? Sim, apenas na condição de não querer unificar e nivelar o que é diferente e desigual... Hoje se fala mais em culturas brasileiras, cuidado fundamental com o conceito... Em trabalho coletivo que organizamos, ainda no final dos anos 1990, intitulamos essa obsessão por uma unidade entre desiguais quando das categorizações de uma cultura no singular e só aparentemente simétrica como um processo também longo e contraditório de “apagamento de rastros” (cf. HARDMAN, 1998).

Tudo que Canudos representa na memória coletiva das lutas sociais nos traz a dificuldade de sua nomeação mais justa e atual. Ao tentar nomear minha fala inicial nesta FLICAN, redescobri, depois, numa pequena caderneta onde rabisco arabescos, algumas frases, rascunhos sem fim, mais ou menos como seguem:

Canudos não se rende
 Canudos resiste
 Re (X) istente, insistente
 Canudos Só Sertão: Canudos é o sonho de outra República
 Só Sertão e Pó
 O Sertão Que Deságua
 O Céu do (Sertão?)
 O Céu Estrelado
 Segui-las
 O Céu Que Nos Ilumina
 O Céu dos Sertões Que Nos Ilumina: uma outra República se anuncia
 Sertão Só: tanta água, tanta luz, tanta esperança
 O Céu dos Sertões Nos Ilumina alguma Luz Libertária
 O Céu do Sertão Só: Liberdade? Igualdade? Fraternidade?
 O Céu do Sertão Só Conduz:
 O Céu do Sertão é só luz dos caminhos
 O Céu do Sertão é Só Luz: isso tem que vingar
 O Céu do Sertão é Só Luz:
 SOL LUAR REVOLUÇÃO: O SERTÃO É SÓ LUZ E SOLUÇÃO

O que as imagens escondem, o que as imagens revelam

Em 2021, o IMS (Instituto Moreira Salles), através do jornalista e então seu consultor Flávio Pinheiro, me solicitou a redação de notas de apresentação/comentários sobre algumas fotografias selecionadas do conhecido acervo de Flávio de Barros, hoje incorporadas ao arquivo de imagens daquele centro cultural. Como sabemos, poucas imagens fotográficas foram feitas da guerra de Canudos. Durante as três primeiras expedições policial-militares enviadas para massacrar a comunidade rebelde, entre novembro de 1896 e março de 1897, nada se registrou. Somente na quarta expedição, o exército contrata Flávio de Barros como fotógrafo-expedicionário. Ele partiu de Salvador a 30 de agosto, passa por Queimadas e Monte Santo, e chega a Canudos a 2 de setembro de 1897. Aí permanece até a rendição e destruição do arraial, com extermínio quase total dos prisioneiros. As 70 fotografias que tirou e depois preservou em dois álbuns trazem o selo dominante da instituição vencedora. Cerca de dois terços delas dedicam-se à presença do exército. Do terço restante, metade das imagens registram o território sertanejo de Canudos e povoados vizinhos. A outra metade aborda cenas da guerra, com o cuidado previsível de evitar imagens de combates e extermínios. Em se tratando desse acervo, antes de sua incorporação ao IMS, não se pode esquecer o trabalho pioneiro de sua organização e edição pelo Museu da República, Rio de Janeiro (cf. ALMEIDA; LENZI, 1997).

Quando a jovem República brasileira quis silenciar para sempre Canudos, inventou-se a versão conspiratória de que se tratava de um movimento monárquico restauracionista, o que documentos e fatos nunca atestaram. O outro modo de exclusão deu-se pelo uso genérico da palavra “jagunço” para designar indistinta e negativamente aquela massa de despossuídos, sem lhes conceder qualquer direito à voz ou à visibilidade. Nossa busca, nesse retorno às imagens que ficaram, foi pelos rastros dessas possivelmente duas dezenas de milhares de pessoas que teimam ainda em nos interrogar sobre seu extermínio precoce da nossa história. Por isso, intitulei essa pequena incursão textual “Da Canudos vencida, quem nos interroga?”. E meus comentários se circunscreveram a apenas quatro imagens, cujas legendas originais, dos álbuns do fotógrafo, são: “Boia na bateria do perigo (FBAC 47); Corpo sanitário e uma jagunça fe-

rida (FBAC 61); 400 jagunços prisioneiros (FBAC 65); Cadáveres nas ruínas da Canudos (FBAC 69). Na impossibilidade de transcrever todos as minhas notas aqui, fico apenas com esta última foto selecionada, a dos cadáveres nas ruínas de Canudos destruída: “O caráter desfocado dessa imagem terá sido intencional? Entre restos de barracos de pau a pique, figuras humanas esmaecidas parecem desoladas como o conjunto da cena: cadáveres mal se distinguem de galhos espalhados, potes de barro, pedaços de taipa, terra seca. Finda a guerra do sertão, corpos insepultos posam para seu próximo esquecimento. Mas não era justamente este o plano?” (cf. Hardman, notas sobre fotos de Flávio de Barros, 2022).

Volto a tudo isso aqui, neste janeiro de 2023, porque as imagens atuais do genocídio do povo Yanomami, incluindo suas mulheres idosas, e muitas muitíssimas crianças, vêm como revelações inquestionáveis de mais um “crime contra a nacionalidade” perpetrado pelo ex-primeiro mandatário da República, e os militares que o cercam, de novo, no covarde papel de omissos e coniventes. Se há algo que a memória e a revivescência da dor ensinam, é que temos que transformá-la em ação coletiva solidária aqui e lá, onde e quando.

Que Canudos nos inspire nas cidades de tantas Marielles e nas florestas de tantos Brunos e Doms a desvendar suas histórias e a fazer justiça. No caso da crise humanitária do povo Yanomami, resgatá-los para a vida e punir seus carrascos, a começar do garimpo ilegal que destrói aldeias, rios e matas. E nessa compreensão dos desafios atuais da luta que Canudos se reinventa. E somente assim que se deve reinventar o Brasil.

Campo X Cidade X Floresta: pensar para além dessas dicotomias

O grande historiador britânico da cultura, Raymond Williams, em trabalho memorável, *O campo e a cidade*, cuja edição original data de 1973, tecendo um longo itinerário da dicotomia entre os mundos rural e urbano, mostra como é necessário irmos além de uma mera dicotomia para entendermos as diferenças, os conflitos, mas igualmente as interconexões e identidades inegáveis entre as experiências no mundo rural e no mundo urbano (cf. WILLIAMS, trad. bras., 1989).

No Brasil, muitas são as contribuições que nos apontam para essa perspectiva não-dicotômica. Podemos dizer que o campo está sempre próximo e dentro da cidade. Que as cidades se prolongam e se instalam nos campos. Que a floresta chega até o campo e a cidade. E que esta última estende suas teias e seus venenos até o campo e as florestas. O atual quadro de colapso socioambiental global é inteiramente resultante dessas interpenetrações. É verdade que a crise civilizacional contemporânea associa-se a um mundo tecnologicamente desarmônico e que os grandes produtores da destruição da natureza e todos os seres vivos concentram-se primariamente nos espaços urbanos. Segundo projeções da ONU-Habitat (Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos), se em 2021, a população urbana mundial alcançava em torno de 56% (devido a um pequeno refluxo ocasionado pela pandemia de Covid-19), em 2050, esse contingente urbano global deverá atingir os 68%.

Tais problemas já eram percebidos por muitos de nossos estudiosos, há muito tempo. Vou lembrar apenas de dois exemplos eloquentes, de dois lados do espectro ideológico, ambos de Pernambuco. O cientista social e brilhante ensaísta conservador Gilberto Freyre, sublinhou em várias passagens e trabalhos o seu incômodo pela visão dicotômica rural X urbano, chegando a cunhar o neologismo “rurbano”, e suas derivações “rurbanização”, “rurbanismo”, para pensar numa certa utopia regionalista e desenvolvimentista, que incorporasse do melhor modo valores do mundo rural ao processo civilizatório urbano. Até mesmo em suas incursões pela educação, dirigiu-se às professoras primárias e rurais do seu estado, no sentido de sublinhar que a experiência de base que possuíam do e no campo era uma ferramenta pedagógica insubstituível (cf. FREYRE, 1957). Já o patrono da educação brasileira, professor Paulo Freire, não poupou esforços para mostrar que a pedagogia revolucionária que pretendesse superar a opressão deveria, em todos os aspectos, valer-se dos conhecimentos e dos saberes práticos dos mais humildes e iletrados. A maior conquista, ali, não seria uma disciplina esquemática e pronta, mas uma pedagogia iluminada pelo desejo de autonomia e de autoformação permanente (cf. FREIRE, 1996).

Recorro ainda a um terceiro pensador, o grande geógrafo negro e baiano Milton Santos, que, ao perscrutar, de modo algo visionário entre nós, os novos rumos da globalização financeira, tecnológica e inimiga de qualquer humanismo e de qualquer socioambientalismo, clama por uma nova consciência mundial, que rejeite e combata o pensamento único do deus-Mercado, vale dizer, como já apontara há mais de século e meio Marx, o deus-Dinheiro. Isso, em prol dos territórios apropriados como lugares de sentidos comungados, em que o espírito coletivista e solidário vença o individualismo neoliberal, que precariza a vida e o trabalho, que destrói a natureza, a arte e os sonhos (cf. SANTOS, 2000).

Algumas mentes céticas poderiam imaginar que estivéssemos fugindo ao tema. Mas, não!... A pesquisadora Lucicleide Ribeiro, ao me convidar para uma mesa temática tão significativa como a que me foi dada a honra de participar – “Entre textos e contextos: a luta camponesa por uma educação libertadora” – abriu as vertentes de uma navegação por águas de muitas histórias e direções. Ao lado do Padre Enoque Oliveira, líder do movimento popular de Canudos, da educadora Vanda Evangelista dos Santos, de José Alves, líder camponês e representante do Sindicato de Trabalhadores Rurais na região de Canudos, todos expositores de raro valor, assim como da mediadora Alexandra Duarte e do mediador Sidmar Oliveira, pude, mesmo no modo remoto, voltar ao sítio mágico de Canudos (a magia do poder popular) e aos desafios de uma educação efetivamente revolucionária.

Relembro apenas que, sem dúvida, no Brasil que se organiza com o fim da ditadura militar, o movimento social mais relevante terá sido o do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra), nascido ainda em 1984, que sob inspiração direta, entre outras fontes, da Guerra de Canudos, a todos nós ainda nos inspira, nos comove e nos mobiliza. Nas cidades, sua linha não-dicotômica de continuidade expressou-se nos movimentos de luta pela moradia, e seu legado mais significativo surgiu em 1997, com o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto). De outra parte, com a crescente consciência socioambiental, nasce, em 1991, o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), cuja urgência trágica no Brasil atual prescinde de justificativas. E, *last but not least*, temos os vários movimentos de povos originários e etnias

indígenas, que tem como entidade mais representativa a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), surgida em 2005, cujo protagonismo neste momento crítico é mais do que bem-vindo e inadiável.

Os exemplos se multiplicam. As lutas, as linguagens e as memórias de Canudos renascem sempre. Nelas, todo projeto de educação libertadora pode se bem inspirar. Finalizo, aqui, nas melhores memórias de nosso amigo poeta, professor da Universidade de Pequim, Hu Xudong, que nos deixou precocemente em 2021. Sua visita e excursões, em 2018, ao Programa de Pós-Crítica, em Alagoinhas, e ao campus avançado de Canudos, deixou-o feliz e impactado pelas afinidades profundas com sua República Popular da China tão diversa e tão semelhante a nós...

Reinventemos, nós, hoje e sempre, a melhor Canudos que nós podemos conhecer e fazer. E que um Brasil possível seja reinventado sempre, à semelhança de Canudos, vale dizer: de nossos povos e sonhos.

Referências

ALMEIDA, C. A. F.; LENZI, M. I. R. (Org.). *Canudos: imagens da Guerra*. Rio de Janeiro: Museu da República, 1997.

CUNHA, E. *À margem da história*. São Paulo: Ed. Unesp, 2019 (Ed. crítica. Org.: Bernucci, L. M; Hardman, F. F.; Rissato, F. P.).

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREYRE, G. *Palavras às professoras rurais do Nordeste*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura do Estado, 1957.

HARDMAN, F. F. *A ideologia paulista e os eternos modernistas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2022.

HARDMAN, F. F. (Org.). *Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

HARDMAN, F. F. Da Canudos vencida, quem nos interroga? *In: Acervo de FBAC no IMS*. São Paulo: IMS, 2022.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Comp. Letras, 1989.

Recebido em 20 de novembro de 2022.

Aceito em 15 de dezembro de 2022.